



Resenhas Autores Diversos

RESEÑAS/RESENHAS

Carta aos Romanos. Karl Barth. Tradução e Interpretação de Lindolfo K. Anders. São Paulo: Novo Século, 1999. 854 pp.

A Mensagem de Romanos. John R. W. Stott. Série "A Bíblia Fala Hoje". Tradução: Silêda/Marcos D. S. Steuernagel. S. Paulo: ABU Editora, 2000. 522 p.

Bons comentários sobre a Carta de Paulo aos Romanos raramente têm aparecido em língua portuguesa nos últimos anos. Esse quadro está mudando rapidamente. No espaço de um ano, duas excelentes obras foram publicadas. A primeira é o famoso comentário de Barth, que chega em português depois de 80 anos de sua publicação em alemão (1919). Não há dúvida de que uma obra da magnitude do comentário de Barth, mais dia ou menos dia, deveria ser editada em português. Afinal de contas, foi um comentário revolucionário sobre um livro revolucionário! Em pontos estratégicos da história da Igreja cristã, Romanos tem sido literatura fundamental na promoção de transformações individuais e coletivas que afetaram radicalmente a configuração do cristianismo. Basta ver, ainda que de relance, as biografias de Agostinho de Hipona, de Lutero, de João Wesley e do próprio Barth (cf. excelente introdução no comentário de F.F. Bruce, *Romanos: Introdução e Comentário*. Série "Cultura Bíblica". São Paulo: Edições Vida Nova e Mundo Cristão, 1979, pp. 50-52).

É importante advertir o leitor que o comentário de Barth não é exatamente o que se espera de um comentário, no sentido mais usual do termo. Barth não propõe um estudo exegético detalhado do texto, ainda que seja inegável que, em determinados pontos, ele o faça, e muito bem por sinal. Exemplo disso ocorre quando Barth traduz o termo grego *hilastêrion*, em Rm 3:25, como "cobertura de reconciliação", fazendo referência ao propiciatório, à tampa de ouro maciço, da arca da aliança, e as implicações decorrentes disso para a compreensão do texto (pp. 157-159).

O comentário de Barth é, porém, de outra natureza no seu todo. É, por assim dizer, um comentário filosófico-teológico do texto paulino. Barth, na verdade, sinaliza com essa obra sua ruptura com o liberalismo teológico no qual ele mesmo tinha sido educado. O teólogo suíço estudou na Alemanha com os maiores expoentes do liberalismo - entre eles Troeltsch e von Harnack. Mas, sua experiência como pastor de uma

pequena comunidade nos Alpes suíços o fez perceber a total aridez de um sistema teológico racionalista e antropocêntrico, que era fruto do Iluminismo. O comentário de Romanos é produto de uma descoberta pessoal do evangelho, que acabou modificando todo seu pensamento sobre Deus e sobre o homem. Nas palavras de Barth, no prólogo: “Há de se sentir, ao lê-lo [o comentário], que ele foi escrito com o júbilo de descobridor. A poderosa voz de Paulo foi novidade para mim e quer parecer-me que ela também o será para outros”. (Prefácio à 1ª edição).

Um dos pontos fracos da edição portuguesa publicada pela editora Novo Século, é seu formato confuso. Não é tarefa fácil traduzir Barth, particularmente do original alemão. Nesse sentido, há que se reconhecer o esforço do tradutor, inclusive dando-se ao trabalho de consultar a tradução inglesa. Entretanto, no afã de explicar suas decisões de tradução em pontos mais complexos (e há muitos deles), o tradutor prejudicou a fluência da leitura com diversas e, por vezes prolixas, explicações, que, por fim, se tornam um comentário dentro de outro. Em muitos casos, o leitor fica na dúvida se é Barth ou o seu tradutor que fala. O próprio tradutor confessa sua dificuldade, ao reconhecer sua condição de “não-teólogo” — algo com que Barth jamais concordaria, “... qualquer ser humano é teólogo” (Introdução à Teologia Evangélica. Editora Sinodal: 1979. p.5).

Apesar dessas falhas, quem se interessa por teologia evangélica, e sua história no século XX, encontrará motivos de sobra para consultar essa notável obra que deu impulso à carreira brilhante de um dos maiores teólogos da era moderna.

Não menos brilhante é o comentário de John Stott. Autor e conferencista respeitado internacionalmente (já esteve no Brasil em 2 oportunidades), Stott nos oferece um comentário expositivo do texto de Romanos. Esta obra é parte da excelente série de comentários expositivos da ABU “A Bíblia Fala Hoje”. De fato, Stott já havia escrito A Mensagem de Romanos 5-8 na mesma série em português. Agora, porém, seu enfoque é o texto completo da carta e sua mensagem para a atualidade. Em certo sentido, o comentário de Stott se assemelha, no que concerne à abordagem, ao comentário de Barth, i.e., ambos procuram entender Paulo como se este estivesse falando ao homem moderno — no caso de Stott, ao “moderno homem pós-moderno”. Há, contudo, duas diferenças fundamentais no comentário de Stott: primeiro, porque foi escrito bem mais recentemente; publicado em inglês no ano de 1994; segundo, porque John Stott trabalha muito mais com a exegese do texto e seu sentido

original.

Stott equilibra admiravelmente o cuidadoso trabalho com o texto grego da carta e suas implicações e mensagem para hoje. Sua pesquisa compreende desde os comentários críticos mais antigos na língua inglesa — como o de Sanday e Hedlam (de 1902) —, até os mais recentes, e igualmente sólidos — como os de Cranfield e de Dunn. Passagens classicamente problemáticas e controvertidas são tratadas com fascinante sobriedade, tanto pelo nítido conhecimento de causa do autor, como por sua simplicidade e clareza de expressão. Aliás, esses são atributos há muito apreciados pelos leitores de Stott. No texto extremamente complicado de Romanos 9:22-23, por exemplo, o autor exhibe boa percepção exegética ao observar que as expressões paralelas, traduzidas como “preparados de antemão para glória” e “preparados para destruição”, representam 2 verbos diferentes, ainda que de sentido similar no grego. O segundo dá a idéia de “prontos, maduros para isso, sem indicar, contudo, o agente responsável por tal preparação. Deus certamente nunca ‘preparou’ ninguém para destruição...” (p. 329)

O comentário de Stott será de grande valia para o pregador, pois fornece tanto subsídios exegéticos como de atualização do texto bíblico. Esse último elemento jamais aparece sem antes ter havido extensa discussão do texto e sua possível interpretação — algo que contrasta com a pressa que muitos pregadores têm em chegar logo aos “finalmentes”, muitas vezes viciados por “eisegesese” e pressupostos já estabelecidos.

O livro é de leitura prazerosa, pois a tradução e o projeto gráfico são muito bem-feitos. Há, também, um guia de estudos no final do comentário, que poderá ser usado, por exemplo, para grupos de discussão (ou estudo), em que cada componente lê previamente a parte combinada, que é, então, discutida em conjunta na reunião.

Em suma, o comentário de Romanos por John Stott não é somente recomendável para pastores, estudantes e professores de teologia, é, isso sim, uma exigência para quem não se contenta com a enxurrada de publicações “água-com-açúcar” que quase nos afoga atualmente.